



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8



Quem desenterra as histórias sepultadas no cemitério da memória talvez não as termine e quem as escuta talvez não as consiga escrever... Análise dos aspectos autobiográficos das histórias de vida dos ex-combatentes pela Grounded Theory

SANDRA SENDAS, ÂNGELA DA COSTA MAIA, EUGÉNIA FERNANDES
Universidade do Minho

Resumo:

A participação na guerra colonial, há mais de 30 anos envolveu a vivência, por parte dos seus ex-combatentes de vários tipos de experiências, algumas das quais bastante difíceis. O nosso estudo pretende explorar e compreender a natureza e diversidade dos significados construídos pelos ex-combatentes para as suas experiências de participação na guerra colonial portuguesa.

Para a prossecução dos objectivos deste trabalho utilizámos uma metodologia qualitativa, especificamente, a Grounded Theory (Strauss & Corbin, 1990). Os procedimentos que seguimos são: (1) elaboração cuidada do guião orientador das entrevistas; (2) realização das entrevistas; (3) transcrição das entrevistas e (4) análise das entrevistas mediante duas modalidades (a) baseada na codificação dos registos transcritos e (b) baseada na reflexão dos processos relacionais/comunicacionais nos quais investigador e sujeito se envolveram. Estes aspectos das análises têm ilustrado os 2D das metodologias qualitativas: as dificuldades e os desafios ou seja, temo-nos deparado com um processo muito complexo, nomeadamente no tempo dispendido, no esforço de raciocínio e exigência de auto-orientação. O seu produto final, ainda não acabado, é um enorme e variado manancial de “matéria prima” que, por um lado, nos permite múltiplas construções teóricas mas que, por outro, nos obriga a um exercício de constante focalização cognitiva e reflexão sobre o rigor com que vamos aplicando os princípios da Grounded Theory.

A análise dos processos relacionais/comunicacionais sugeriu-nos que as entrevistas poderiam ter provocado nos sujeitos expressões psicológicas diversas. Em consequência, está de momento, a decorrer um segundo estudo sobre o eventual impacto das mesmas.

Palavras-chave:

PTSD, Grounded Theory, metodologias qualitativas.

Introdução

Com esta comunicação pretendemos partilhar a nossa experiência no âmbito da utilização das metodologias qualitativas, mais propriamente a *Grounded Theory* (Strauss & Corbin, 1965 cit por Charmaz, 2003) à investigação no domínio de conhecimento da Psicologia Clínica.

Num primeiro momento apresentaremos algumas das particularidades do Paradigma Construtivista no qual se insere a *Grounded Theory*, salientando algumas das características subjectivas e dialógicas que caracterizam as metodologias qualitativas no geral e que as opõem aos Paradigmas Positivistas subjacentes às ciências objectivas ou naturais. Far-se-á uma descrição sucinta das principais características da *Grounded Theory* e da forma como a temos vindo a aplicar à nossa investigação. Terminaremos com uma reflexão pessoal sobre os 2Ds das metodologias qualitativas – as dificuldades e os desafios.

Paradigma Construtivista e Investigação Qualitativa

De acordo com os representantes do paradigma epistemológico construtivista e entre eles, Guba e Lincoln (1994), não existe um conhecimento “asséptico” e incontaminável pelo investigador. Ao contrário do Paradigma Positivista que defendia um realismo ingénuo, crendo na possibilidade do investigador apreender a realidade através de metodologias experimentais/manipulativas susceptíveis de neutralizarem a sua subjectividade no sentido da verificação rigorosa das suas hipóteses de investigação, o Paradigma Construtivista vê na realidade uma verdade construída e por isso sempre relativista, defendendo que o conhecimento é sempre uma construção que tem como referência uma relação dialógica entre o investigador e o seu objecto de estudo (Guba & Lincoln, 1994).

Dentro do paradigma construtivista interessa-nos especialmente a teoria do Construcionismo Social (Gergen, 1985) de acordo com a qual o conhecimento do mundo resulta de uma interacção activa e cooperante entre indivíduos em relação (Gergen, 1985) e os conceitos que utilizamos para o referenciar mais não são do que artefactos socialmente aceites num determinado contexto histórico.

Uma das implicações do Construcionismo Social para as metodologias de investigação usadas na psicologia foi a passagem de uma perspectiva explicativa dos comportamentos humanos baseada em processos intrapsíquicos para outra que privilegia os processos da comunicação humana (Gergen, 1985; Rey, 2005). Assim se compreende a exclamação de Guba e Lincoln (1984) quando referem a impossibilidade de, nas ciências sociais, investigador e sujeito estudado não se envolverem numa relação dialógica, e do conhecimento contado/escrito não ser um “dueto”.

O aspecto comunicacional das metodologias qualitativas adquire um verdadeiro estatuto epistemológico no Construcionismo Social ao ponto da pesquisa ser entendida como um processo dialógico em que o investigador deverá transformar a situação de investigação um espaço de sentido susceptível de implicar a pessoa estudada. (Rey, 2005).

A defesa da inevitabilidade e valor da comunicação entre investigador e sujeito para a construção do conhecimento é um dos aspectos que opõe as metodologias qualitativas e quantitativas. O positivismo das metodologias quantitativas baseou-se em princípios tais como, a defesa da adequabilidade das metodologias das ciências naturais para o estudo dos fenómenos sociais, na restrição dos temas de investigação aos objectos susceptíveis de observação objectiva, na elaboração dedutiva de hipóteses a partir de teorias científicas e no seu teste posterior (Bryman, 1988 cit por Snape & Spencer, 2003). Assim, podemos dizer que as bases do paradigma positivista se baseiam na possibilidade de se aceder a uma representação imediata e livre de interpretações dos objectos de estudo, defendendo uma perspectiva dualista segundo a qual existe um sujeito conhecedor e um objecto externo que pode ser estudado objectivamente. Defende a elaboração de interpretações objectivas dos fenómenos, livres de qualquer influência ou ponto de vista do próprio investigador (Fernandes & Maia, 2001). O tipo de investigações qualitativas, como aquela com que nos comprometemos, situa-se numa epistemologia não positivista, construtivista e socorre-se de modalidades de investigação que se focalizam em análises mais pormenorizadas de dados escritos, verbais ou visuais os quais deixam de ser convertidos em escalas numéricas. Estas abordagens pretendem essencialmente a “(...) compreensão das experiências e dos significados que os seres

humanos constroem em interacção.” (Fernandes & Maia, 2001, p.60). De acordo com Mathieson (1999), o princípio basilar das metodologias qualitativas é a exploração, elaboração e sistematização dos significados de um determinado fenómeno ou, dito por outras palavras “Aqueles que praticam a investigação qualitativa tendem a enfatizar os aspectos interpretativos do conhecimento do mundo social e a própria interpretação/compreensão do investigador relativamente ao fenómeno estudado.” (Snape & Spencer, 2003, p. 7).

Não obstante as diferenças epistemológicas das metodologias quantitativas e qualitativas e o facto de as segundas se haverem desenvolvido como resposta às limitações das primeiras, é ponto assente na comunidade científica que ambos os paradigmas podem ser associados, dada a sua complementaridade. Assim, as metodologias qualitativas, independentemente da sua natureza (estudos ideográficos, etnometodologia, análise de conversação, análise narrativa, análise de conteúdo, observação participante, etnografia, *grounded theory*...) permitem a elaboração de teorias. De acordo com Strauss e Corbin (1990, cit por Maia, 2001), a validação das mesmas deverá ser feita em complementaridade com recurso às metodologias quantitativas. Presentemente, a comunidade científica aceita que estas duas abordagens metodológicas permitem responder a questões de investigação diferentes sendo a sua conciliação uma prática cada vez mais habitual (Fernandes & Maia, 2001).

Tendo em conta que o nosso estudo pretende explorar e compreender a natureza e diversidade dos significados elaborados pelos ex-combatentes para as suas experiências de participação na guerra colonial portuguesa, a decisão de se vir a adoptar uma metodologia de recolha e análise de dados de cariz qualitativo, mais especificamente a *Grounded Theory* revelou-se uma opção pertinente face aos nossos objectivos.

A metodologia Grounded Theory

Podemos introduzir, sumariamente, a *Grounded Theory* referindo que ela surgiu há mais de 30 anos no contexto dos estudos sociológicos de Glaser e Strauss durante a década de sessenta (Charmaz, 2003), que sofreu influências do interaccionismo simbólico de Blummer e Hughes e que tem como pressupostos nucleares; (1) o significado das coisas (pessoas, situações, instituições...) enquanto produto das interacções sociais; (2) a necessidade de se recorrer a um processo interpretativo para “extrair” estes significados (i.e. [a defesa do envolvimento do investigador no processo de investigação]), (3) a assumpção segundo a qual o significado que as pessoas atribuem às coisas poder determinar o modo como estas se comportam perante elas (Pires, 2001).

A construção de teoria é a pedra basilar da *Grounded Theory*. A metodologia de trabalho centra-se numa modalidade de pensamento indutivo com base no qual se recolhem, analisam e conceituam os dados qualitativos de forma a traduzi-los numa teoria. De acordo com Glaser e Strauss (1967, cit por Charmaz, 2001), a pragmática da *Grounded Theory* baseia-se nos seguintes aspectos: (1) simultaneidade da recolha e análise dos dados; (2) definição de códigos analíticos e categorias de análise dos dados a partir dos próprios dados e não a partir de hipóteses prévias; (3) construção de teorias provisórias explicativas dos comportamentos e processos; (4) escrita sistemática de memorandos sobre a análise dos dados com vista à construção e explicação de categorias; (5) realização sistemática de comparações entre os dados, entre os dados e os conceitos e entre os próprios conceitos; (6) utilização de uma amostragem teórica que facilite a construção de teorias e o refinamento de categorias sem qualquer preocupação no que se refere ao facto de a mesma ser ou não representativa de uma dada população e (7) tendência para fazer a revisão bibliográfica após a realização da análise dos dados. Estas particularidades metodológicas permitem verificar que, tal como Fernandes e Maia (2001, p. 54) afirmam “ (...) as teorias são sempre traçáveis aos dados que lhes dão origem, dentro do contexto interactivo da colecta e análise dos dados (...) compreendem a

possibilidade da exploração de cada nova situação para ver se se adequam, como se podem adequar e como podem não se adequar, exigindo uma abertura do investigador para o carácter provisório de qualquer teoria.”

Do projecto de investigação à pratica da investigação

Como diz Rey (2005), nas investigações qualitativas o projecto de investigação não tem um estatuto reitor da mesma, dado que as pesquisas qualitativas, como é o caso, são processos em abertura permanente que levam, inevitavelmente, o investigador a uma redefinição constante das decisões e opções metodológicas a seguir. Este aspecto tem vindo a ser constatado por nós ao longo do nosso estudo. A definição do nosso problema de investigação tem vindo a passar por um processo de abertura constante, sem que restem já muitas semelhanças entre a forma como o equacionámos no momento inicial da investigação e a versão actual da questão que orienta a nossa investigação – o que faz a diferença entre os ex-combatentes que apresentam patologia, resiliência ou crescimento?

No nosso projecto de investigação original havíamos decidido que estudaríamos uma amostra de ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa formada por dois grupos de estudo contrastantes no facto de se pretender que um deles fosse constituído por indivíduos com diagnóstico de Perturbação de Stress Pós-Traumático – PTSD, de acordo com os critérios nosológicos de diagnóstico, e o outro formado por indivíduos sem diagnóstico de PTSD. Todavia, em conformidade com o conteúdo dos dados que fomos obtendo ao longo das entrevistas e respeitando a orientação da Grounded Theory para a importância de substituir a utilização de uma amostra de estudo pré-definida pela constituição de uma amostra teórica gradualmente construída à medida que se analisa cada entrevista já realizada (Fernandes & Maia, 2001), acabámos por constituir não dois grupos contrastantes mas três, nomeadamente, os dois referidos antes e um terceiro formado por sujeitos que embora apresentassem alguns sintomas de PTSD não cumpriam os critérios do DSM – IV (APA, 1994) para o diagnóstico dessa psicopatologia.

A mesma abertura e actualização ocorreram relativamente ao guião de entrevista semi-estruturada elaborado aquando da preparação do nosso projecto de investigação. Antes de darmos início à recolha dos nossos dados foi nossa preocupação que as questões estivessem enquadradas no contexto social e cultural da época do antigo regime, isto é: em consonância com os diferentes teatros de guerra e com a realidade do retorno a Portugal finda a comissão militar. Algumas das perguntas do nosso guião tinham como objectivo, entre outros, compreender aspectos tais como, o significado da participação na guerra colonial na vida dos ex-combatentes; o balanço dessa experiência para as suas vidas presentes e a reflexão sobre a pessoa que foram antes da guerra e sobre aquela que são hoje; e integrava questões do tipo: “Conte-me a história da vida do jovem que certo dia se viu mobilizado para participar na Guerra Colonial”; “Como tinha sido a sua vida até então?”; “O que mudou em si quando percebeu que ia ser mobilizado para a Guerra Colonial?”; “O que pensou sobre si e sobre o seu futuro nessa altura?”; “Como foi a sua preparação militar antes de chegar a África?”; “O que esperava viver no mato?”; “O que viveu nos campos de batalha?”; “Como sentiu o regresso a Portugal no fim da guerra?”; “ Houve mudanças no jovem que regressou da guerra?”; “Como é que o facto de ter sido combatente na Guerra do Ultramar afecta a sua vida actual?”(...). Tal como já era previsto no projecto de investigação, a aplicação prática do guião revelou-nos a impossibilidade do seu cumprimento rígido e as questões que havíamos esboçado inicialmente tornaram-se apenas pontos de partida possíveis para o diálogo proporcionando o aparecimento de outras, cada vez mais abertas e mais eficazes na recolha da informação essencial aos objectivos traçados.

Efectuámos 43 entrevistas, todas elas gravadas em sistema áudio, cada uma delas com duração média de 2 horas e 40 páginas de texto transcrito. A análise das suas transcrições

conduziram-nos a duas abordagens de estudo, (1) baseada na codificação dos registos transcritos e (2) baseada na reflexão dos processos relacionais/comunicacionais nos quais investigador e sujeito se envolveram.

No que diz respeito à codificação das transcrições das entrevistas estamos actualmente a utilizar o nível de codificação aberta para obtermos a informação necessária para prosseguirmos com os outros dois níveis de codificação, de maior abstracção, preconizados pela *Grounded Theory*, a codificação axial e selectiva. A codificação aberta tem sido efectuada mediante a decomposição das entrevistas em unidades de análise e questionamento relativamente às mesmas. Algumas das questões orientadoras da nossa codificação aberta têm sido, por exemplo, perguntar “O que é isto?”, “O que é que isto significa?”. Através da nomeação das respostas que vão emergindo esforçamo-nos por elaborar conceitos. Num segundo momento da codificação aberta, deveremos trabalhar os conceitos, agrupando-os, graças a uma metodologia de questionamento e comparação, de modo a elaborar categorias (Fernandes & Maia, 2001).

Após a finalização da codificação aberta, e dado que o nosso objectivo reside na elaboração de uma teoria a partir dos dados, deveremos prosseguir para a codificação axial, através da qual tentaremos estabelecer ligações entre as categorias construídas na codificação aberta. As relações a estabelecer entre as categorias poderão ser de ordem diversa. Poderão relacionar-se com as condições causais do fenómeno, contexto, condições intervenientes, estratégias de acção e consequências (...) entre outros. Como referem Fernandes e Maia (2001), os processos de codificação aberta e axial, embora distintos, ocorrem em simultâneo. O investigador vê-se compelido tanto à dedução de relações entre categorias (i.e. criando novas categorias) como à constante verificação das mesmas na comparação com os dados. Assim, a relação hierárquica que se vai estabelecendo entre as diferentes categorias construídas (o que dá suporte à teoria) reveste-se sempre de um carácter provisório.

A última etapa do processo de codificação dos dados será a codificação selectiva. Como o próprio nome sugere trata-se de um procedimento conducente ao estabelecimento de uma relação hierárquica entre as categorias, discriminando aquelas que são centrais e as que a marginam. De acordo com Strauss e Corbin (1990) pretende-se identificar o fio condutor da história. Novamente, como já deverá ter acontecido nas modalidades de codificação prévias, o questionamento e a comparação continuarão a ser os procedimentos de eleição a seguir. Graças ao questionamento e comparação tornar-se-nos-á possível estabelecer um plano de compromisso entre aquela que se apresenta como categoria central e as restantes.

Em suma, de acordo com Fernandes e Maia (2001), a codificação selectiva é um momento de integração de todo o conhecimento que o investigador foi construindo graças a um movimento de “ (...) questionamento constante e recursivo a propósito dos dados que são recolhidos e a comparação constante entre as respostas que são encontradas para as questões e os dados que as suscitaram.” (Fernandes & Maia, 2001, p. 68). Esperamos que na nossa investigação esse momento venha a culminar, graças aos nossos cuidados face à correcta utilização da globalidade da metodologia da *Grounded Theory*, na construção de uma história/narrativa, que se não espera rígida e definitiva mas plausível e contextualizada, daquilo que o fenómeno de estudo nos vier ainda “a contar” a nós, “em especial”, até então. Essa história/narrativa será a teoria provisória construída a partir do nosso “dueto” com os sujeitos do nosso estudo (Guba & Lincoln, 1994).

Como já referimos, a análise das transcrições das entrevistas realizadas aos ex-combatentes permitiram-nos uma segunda modalidade de análise centrada na reflexão dos processos relacionais/comunicacionais que se desenvolveram entre nós e os nossos sujeitos. De facto, constatámos a verdade da afirmação de Rey (2005, p. 15) quando refere “A pesquisa representa, nas ciências antropológicas, um espaço permanente de comunicação que terá um valor essencial para

os processos de produção de sentido dos sujeitos pesquisados (...). A pessoa que participa da pesquisa não se expressará por causa da pressão de uma exigência instrumental exterior a ela (i.e. [por ter um questionário a preencher]) mas por causa de uma necessidade pessoal que desenvolverá, crescentemente, no próprio espaço de pesquisa, por meio dos diferentes sistemas de relação constituídos nesse processo.” Esses diferentes sistemas de relação dependem em grande medida da própria subjectividade do investigador, nomeadamente da sua formação, experiência clínica, sensibilidade teórica (...). Ao reflectirmos sobre as diferentes modalidades de expressão dos nossos sujeitos e sobre as particularidades dos diferentes sistemas de relação que conosco construíram, constatámos uma diversidade substancial de situações. Para alguns, a experiência de partilha das suas recordações de guerra expressou-se através de indicadores de sofrimento psico-afectivo, e fiz-nos perceber que muitos desses ex-combatentes, ao desenterrarem “as histórias sepultadas no cemitério da memória...” dificilmente conseguiriam contá-las na totalidade. Para os outros, a entrevista foi vivenciada, ora como uma autêntica “catarse emocional”, ora como um simples relato objectivo de um conjunto de experiências bem organizadas nos arquivos da memória.

Estas reflexões sobre os sistemas de relação que emergiram no nosso espaço de pesquisa suscitaram-nos uma nova questão, uma nova curiosidade – Qual teria sido o impacto psicológico, para os sujeitos, de haverem interagido conosco ao longo destas entrevistas? Para respondermos a esta questão iniciámos um segundo estudo sobre o eventual impacto psicológico dessas entrevistas nos nossos participantes. Estudo esse com uma metodologia essencialmente quantitativa, para o qual elaborámos o Questionário sobre o Impacto da Entrevista Auto-Biográfica a Veteranos da Guerra Colonial - Q.I.E.A.V.G.C (Sendas, Ribeiro & Maia, 2007). Desta forma, temos vindo a constatar, através da nossa experiência, tal como é defendido por grande parte comunidade científica, a pertinência e vantagem existente na possibilidade de se combinarem os paradigmas quantitativo e qualitativo (Strauss & Corbin, 1990)

Conclusão: a Grounded Theory enquanto metodologia 2D

A nossa experiência com a *Grounded Theory* fez-nos classificá-la como uma metodologia 2D (i.e com desafios e dificuldades). A dimensão de desafio destas metodologias parece-nos ilustrada no que antes referimos sobre a possibilidade aberta, pela nossa investigação, para uma nova problemática de estudo e conseqüente investigação. Por outro lado, a Grounded análise das entrevistas tem nos vindo a proporcionar uma imensa riqueza de informação que nos permitirá conhecer o nosso objecto de estudo a partir de múltiplas construções teóricas.

Relativamente às dificuldades que temos vindo a experimentar podemos dizer que se relacionam com as exigências pragmáticas da própria *Grounded Theory*, especificando, podemos mencionar que as transcrições das entrevistas são em si próprias tarefas demoradas, por outro lado, não estando nós a utilizar qualquer programa informático de apoio à codificação dos dados, este procedimento tem-se-nos revelado uma tarefa muito complexa aos níveis do tempo dispendido, esforço de raciocínio e exigência de auto-orientação. Dessa codificação temos vindo a obter uma imensa riqueza de informação, a qual, tal como já referimos, permite-nos múltiplas construções científicas mas obriga-nos a um exercício de constante focalização cognitiva à revelia da qual facilmente poderemos alienar os objectivos da investigação da primeira autora. Conscientes que estamos dessas dificuldades, temo-nos socorrido de meta-reflexões sistemáticas sobre a forma como vamos passando à prática os princípios metodológicos da *Grounded Theory*, através de comparações constantes entre as análises que vamos efectuando na prática e as orientações metodológicas da abordagem qualitativa por nós eleita. Pensamos que só esse cuidado poderá ajudar-nos a evitar o risco de não conseguirmos sistematizar toda a informação “colhida” nesta pesquisa numa teoria

plausível, ou seja, só esse cuidado poderá proteger-nos do perigo de “escutar as histórias sem que as consigamos escrever”.

Referências

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (1994). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4.ed). Washington, DC: ed autor.
- Charmaz, K. (2003). Grounded Theory. In. M. Murray & K. Chamberlain (Eds), *Qualitative Health Psychology* (pp. 184-201). London: Sage Publications.
- Fernandes, E. M. & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In E. M. Fernandes & L. S. Almeida (Eds), *Métodos e Técnicas de Avaliação. Contributos para a prática e investigação* (pp. 49-76). Braga: Centro de estudos em Educação e Psicologia.
- Gergen, K.J. (1985). The social constructionism movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275.
- Guba, E.G. & Lincoln, Y.S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds), *Handbook of Qualitative Research* (pp, 105-118). EUA: SAGE publications, Inc.
- Maia, A. C. (2001). *Narrativas Protótipo e Organização do Conhecimento na Depressão*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Mathieson, C. (2003). Interviewing the ill and the healthy – paradigm or process. In J. Ritchie & J. Lewis (Eds) (2003), *Qualitative Research Practice – A Guide for Social Science and Researchers* (pp117-132). London: Sage Publications.
- Pires, A. (2001). Introdução à Grounded Theory. In A. Pires (Eds), *Crianças (e Pais) em Risco* (pp. 97-130). Lisboa. ISPA.
- Rey, F.G. (2005). *Pesquisa Qualitativa e Subjectividade*. Brasil: Pioneira Thomson Learning.
- Ritchie, J. & Lewis, J. (2003). *Qualitative Research Practice – A Guide for Social Science and Researchers*. London: Sage Publications.
- Snape, D. & Spencer, L (2003). The foundations of qualitative research. In J. Ritchie & L. Lewis (Eds), *Qualitative Research Practice – A Guide for Social Science and Researchers* (pp. 1-23). London: Sage Publications.
- Strauss, A. & Corbin, J (1999). *Basics of qualitative research*. London: Sage Publications.